

Universidades Lusíada

Antunes, Marina Manuela Santos, 1951-

A cidade informal e a reconversão de territórios de génese ilegal : exemplo de práticas urbanas significativas : o caso PROQUAL Brandoa, Amadora : significant example of urban practices : the case PROQUAL Brandoa, Amadora

<http://hdl.handle.net/11067/5031>

Metadados

Data de Publicação

2011

Resumo

As cidades da Área Metropolitana de Lisboa, ao longo das décadas de 50, 60 e 70, sofreram um processo de urbanização informal o qual produziu territórios de génese ilegal, que são o resultado da procura e não resposta às necessidades de habitação de largos milhares de migrantes. De facto, o mercado não criou habitação a custos acessíveis e a administração pública fechou os olhos a esta realidade, o que originou um processo de urbanização marginal com o conseqüente crescimento dos chamados bairro...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-04T21:55:44Z com informação proveniente do Repositório



PROQUAL Brandoa: Fórum Luís de Camões

A CIDADE INFORMAL E A RECONVERSÃO DE TERRITÓRIOS DE GÉNESE ILEGAL EXEMPLO DE PRÁTICAS URBANAS SIGNIFICATIVAS: O CASO PROQUAL BRANDOA, AMADORA

MARINA ANTUNES Prof.^a Doutora / Universidade Lusíada de Lisboa

Nota introdutória

As cidades da Área Metropolitana de Lisboa, ao longo das décadas de 50, 60 e 70, sofreram um processo de urbanização informal o qual produziu territórios de génese ilegal, que são o resultado da procura e não resposta às necessidades de habitação de largos milhares de migrantes. De facto, o mercado não criou habitação a custos acessíveis e a administração pública fechou os olhos a esta realidade, o que originou um processo de urbanização marginal com o consequente crescimento dos chamados bairros clandestinos e de habitat degradado. Este fenómeno está intimamente ligado à marginalização social e económica de vastos segmentos da população com dificuldade de acesso à habitação, seja através de arrendamento ou por compra. No centro da questão está a estrutura espacial do mercado do solo, a maximização dos preços dos terrenos com potencial urbano, que provocam uma pressão urbanística nas áreas mais centrais e nas zonas periféricas, com o surgimento de urbanizações marginais. Paradoxalmente, ao longo de décadas, foram estas áreas que sustentaram a vinda de novos migrantes,¹ tornando-se, assim, zonas de oportunidade para milhares e milhares de pessoas que encontraram nestas cidades uma saída para a pobreza. Contudo, como refere Castells, “a migração para as cidades não corresponde a uma demanda de mão-de-obra, mas à tentativa de encontrar uma saída vital num meio mais diversificado, o processo só pode ser cumulativo e desequilibrado”(2006:87). Tornaram-se espaços de integração urbana, de estilos de vida baseados em solidariedade comunitária, nos quais se tecem redes de parentesco e de vizinhança, auto-organização (Hannerz, 1980:171; Gulick, 1989:161)², algo que falta garantir nos projectos de urbanismo formal. Este tipo de cidade tem sido estudado de fora e de cima, isto é, na perspectiva do urbanizador e das instituições formais e nunca

¹ [Cities or Urbanization?] David Harvey et al. p.48.

² [Thinking with Networks] Ulf Hannerz, (1980:163); [Connections,Neighborhoods] John Gulick, (1989:151).

do ponto de vista dos moradores e organizações informais ou formais locais, isto é, de perto e de dentro³, o que implica “compreender o significado dos espaços urbanos através do conhecimento das pessoas que vivem no seu interior” (Rotenberg, 1993:xi). O conhecimento dos processos informais de fazer cidade constitui uma fonte de inspiração, sobretudo, no que se refere à organização espacial, dão pistas para se repensar a cidade formal, não esquecendo a importância do respeito pela estrutura de crescimento da cidade. São fenómenos com múltiplas dimensões que, na maior parte das vezes, estão confinadas à rotulagem e visão reedificante do subúrbio, periferia, marginal, degradado, clandestino, problemático, crítico, sensível, o que traduz a perpetuação de uma difícil relação entre a condição suburbana (rural) e urbana (Low, 2003:387).

Depois de uma visão catastrofista dos anos 60 que vê nestes territórios um tumor, que tem de ser extraído ao tecido urbano, surge uma visão funcionalista do fenómeno ligando-o ao sistema urbano mais geral; desenvolve-se, entretanto, a visão integradora que vê estes territórios como um mal menor porque servem os processos de adaptação dos migrantes à cidade e ao viver urbano⁴; nas duas últimas décadas dá-se relevo e crescente importância à intervenção do sector público na reconversão destes espaços. Hoje em dia, podemos equacionar visões alternativas, que evitem concepções duais e insira as situações nos mecanismos formais e normas estabelecidas, considerando a dinâmica destes bairros dentro do solo e dos subsistemas de habitação.

De facto, os bairros de urbanização informal transformaram-se numa espécie de “válvula de escape” (Busquets, 1999:231), isto é, a alternativa para satisfação das necessidades de habitação de largas camadas da população trabalhadora. Tornou-se uma habitação acessível porque foi construída à medida que as poupanças o permitiam; infra-estruturas foram-se criando por força da mobilização e organização das populações e com um papel relevante da autarquia local. Esta criou e pavimentou ruas, instalou o saneamento básico, electrificou e tornou realidade a chegada da água às habitações. Mas o entendimento deste tipo de fenómeno passa pela compreensão das diferentes fases de construção das formas residenciais e da identificação dos processos marginais que explicam a fragmentação da cidade e sua evolução histórica.

³ [De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana] José Magnani (2002).

⁴ [The study of Cities.Antiurbanism] John Gulick (1989: 5).

1. A Brandoa, um bairro de génese ilegal

As diferenças urbanísticas da cidade conferem à urbanização informal um lugar, pelo que, um bairro como a Brandoa tem de ser compreendido no contexto de crescimento, durante décadas, do concelho de Oeiras e, mais tarde, da cidade-concelho da Amadora. A Brandoa insere-se neste panorama e, ao longo dos anos, foi alvo de um tratamento legalizador pelo impacto enorme que teve no crescimento urbano amadoreense, sobretudo, numa fase expansiva. Inicialmente inscrito no concelho de Oeiras, é um dos bairros de urbanização marginal, iniciado nos anos 50, situado na primeira coroa de Lisboa. Terreno com uma morfologia acentuada, foi, durante décadas, destinado à agricultura. A partir de 1980 passou a pertencer ao município da Amadora, entretanto criado em Setembro de 1979 e é já neste contexto que se inicia a primeira fase de requalificação e reconversão, durante a qual o bairro foi dividido em 65 quarteirões, possuindo uma área significativa destinada a equipamentos. Por conseguinte, o processo de urbanização da Brandoa deve ser contextualizado histórica, social e territorialmente, sendo estas dimensões âncora para a memória e compreensão reflexiva das diferentes mutações operadas.

O surgimento do núcleo urbano da Brandoa e a sua génese ilegal, estão marcados por uma dupla ambiguidade: O Estado Providência e a ausência da políticas de habitação configuradas pela procura que decorre de fortes fluxos migratórios para a AML; o mercado habitacional convencional que não tem respostas para estas camadas da população, pelo que surge um mercado paralelo “clandestino” de génese ilegal.

O caso da Brandoa é paradigmático desta situação. Neste contexto, podemos identificar três factores essenciais que contribuíram para a emergência de uma malha urbana de génese ilegal.

A pobreza endémica e estrutural nos meios rurais, a falta de condições de vida e o consequente êxodo para as cidades, transformadas em terras de oportunidade, que originaram, a partir das décadas 50 e 60, um acelerado e interminável processo de urbanização. É toda uma envolvente às zonas industriais, transformadas em bacias de emprego, que sofre as pressões sociais e dificuldades de alojamento; as fronteiras administrativas entre os municípios de Oeiras e Lisboa, afastados dos centros de decisão e dos olhares das autoridades locais e, ao mesmo tempo, com melhores acessibilidades pelos diferentes meios de transporte; o baixo custo do solo dada a natureza rural deste território que configurava a Quinta da Brandoa (54 ha).

PROQUAL Brandoa: Fórum Luís de Camões



A forte mediatização conferida ao Núcleo Urbano da Brandoa, enquanto fenómeno de urbanização informal e construção em altura, provocou o surgimento de instrumentos de gestão urbanística que resultaram na requalificação urbana, com forte componente a nível da criação de equipamentos colectivos, sócio-culturais, educativos e desportivos; a criação de zonas verdes e a requalificação dos espaços públicos vieram transformar decisivamente esta realidade sócio-urbanística.

Em 2001, o Núcleo Urbano da Brandoa, com 220 ha de área, possuía 15 600 habitantes que se distribuíam, sobretudo, pelos seguintes escalões etários: 20-30 e 50-60, o que revela uma forte composição de população em idade activa. Na origem, como referimos anteriormente, está uma população migrante oriunda de Lisboa (32%), Alentejo (26%) e Beira Alta (12%). Hoje em dia, existe uma grande heterogeneidade na composição sócio-económica e cultural do tecido social.

Nos últimos anos surgiram novas formas de interpretar este fenómeno e foram criadas novas formas de intervenção. A natureza deste fenómeno obrigou ao desenvolvimento de uma estratégia de planeamento com vista à reconversão, requalificação e legalização dos bairros de génese ilegal, com especial relevância para a Brandoa. Como referimos, este processo tem décadas e atinge um ponto de especial importância com a implementação do PROQUAL. Com o objectivo de ilustrar, dando visibilidade, como exemplo tangível do valor acrescentado da EU à escala local, passamos a apresentar um dos programas emblemáticos da aplicação de fundos estruturais na melhoria das condições de vida das populações locais.

2. O Programa Integrado de Qualificação das Áreas Suburbanas da Área Metropolitana de Lisboa – PROQUAL Brandoa

O PROQUAL integrou sete operações na AML, a saber: Amadora, Brandoa, Loures, Sacavém/Prior Velho, Moita, Baixa da Banheira /Vale da Amoreira, Odivelas, Oeiras, Outurela/ Portela – Algés, Setúbal, Belavista e envolvente, Vila Franca de Xira, Bom Sucesso /Arcena.

Com a definição dos domínios de intervenção prioritária e de um modelo de gestão adequado ao tipo de intervenção, o PROQUAL Brandoa definiu como objectivos estratégicos:

- Requalificar a área de intervenção, ao nível social e urbanístico, contrariando a tendência actual, nomeadamente no que respeita

as situações de marginalização, pobreza, desqualificação social e consequente exclusão, permitindo o início de um processo de desenvolvimento sustentado e integrado;

- Intervir a nível do ambiente urbano e do espaço público, da educação, dos equipamentos sociais, da formação e integração profissional, da empregabilidade, da dinamização das actividades económicas e da segurança estrutural do edificado;

- Melhorar as condições de habitabilidade, de salubridade, de sociabilidade e de segurança, dinamizar o tecido económico e associativo, promover a integração social da população, reforçar o sentimento de pertença e a identidade local.

O modelo de gestão baseou-se numa perspectiva de proximidade com a área territorial de intervenção e das respectivas populações. Configurou-se através da criação de uma equipa técnica local interdisciplinar, com uma direcção integrada numa unidade orgânica de gestão autónoma.

Neste contexto, em Maio de 2001, foi criado o Gabinete Especial de Recuperação da Brandoa (GERBRA), constituindo uma unidade orgânica equiparada a departamento municipal, com a finalidade de coordenar a execução do processo de qualificação urbana da Brandoa, com as seguintes atribuições:

- a) Planeamento das actividades a implementar no âmbito da requalificação da Brandoa;
- b) Acompanhamento de todas as acções necessárias à reconversão da Brandoa.

Em Maio de 2003 foi constituída uma equipa técnica local multidisciplinar, dirigida por uma directora de projecto municipal, com formação em antropologia, a qual funcionou na dependência directa do presidente da CMA, e, ainda, uma comissão local de parceiros baseada na rede social de freguesia. Assim, entre 2003 e 2008, o GERBRA, sediado na Brandoa, dirigiu o Programa Integrado de Qualificação das áreas suburbanas da Área Metropolitana de Lisboa -PROQUAL- a partir do terreno o que, conjuntamente com o modelo de gestão adoptado, garantiu maior eficácia na acção, com reflexos nos resultados obtidos. Este processo de reconversão, que se desenrolou entre Janeiro 2003 e Maio de 2008, consistiu na implementação de 19 projectos e um investimento inicial na ordem dos cerca de 30 milhões de euros, criou uma forte centralidade naquele que chegou a ser conhecido como o maior bairro clandestino da Brandoa.

O PROQUAL Brandoa começou por desenvolver projectos que visavam a caracterização do tecido físico e social do território. Assim, foram elaborados dois estudos com o objectivo de procederem à Caracterização dos Residentes e do Parque Habitacional

do Núcleo Urbano da Brandoa e a elaborarem o Esquema Director de Estruturação Urbanística – Estudo Global da Brandoa. Neste apontamento sobre os diferentes equipamentos criados pelo PROQUAL, começamos por dar conta de um dos projectos mais emblemáticos que foi designado inicialmente Centro Cívico e Jardim Luís de Camões e, mais tarde, Forum Luís de Camões. Este projecto, que teve início em 1 de Junho 2004 e conclusão em Dezembro 2006, foi financiado pelo Programa Operacional Regional de Lisboa e Vale do Tejo – Eixo prioritário 1 – Apoio a investimentos de interesse municipal e intermunicipal, Medida 1.5 – Acções Específicas de valorização territorial. Estimada em seis milhões de euros, esta obra teve o financiamento público seguinte: custo total elegível 4.435.551,00 euros; despesa pública 4.435.551,00; FEDER (35%) 1.552.442,85; Ministério das Cidades, Administração Local e Habitação 1.330.665,30 (30%) e 25% de investimento municipal. O contrato-programa de cooperação técnica e financeira com a CCDRLVT foi assinado em Setembro de 2004. Tal como os restantes projectos integrados no PROQUAL, o Forum Luís de Camões partiu do diagnóstico da realidade local, caracterizada por graves carências a nível de equipamentos colectivos de carácter social, cultural e desportivo, bem com de zonas verdes de lazer. Pretendeu, simultaneamente, remover todas as construções abarracadas existentes numa das entradas do Bairro da Brandoa.

Por conseguinte, a estratégia subjacente a esta intervenção sócio-urbanística, partiu de objectivos prioritários que se inscrevem na agenda do Município para a humanização da cidade-concelho da Amadora e que apontam para promover a integração social e a urbanidade do tecido social. Em conformidade com esta estratégia, procurou-se criar uma centralidade forte na Brandoa através da construção de um espaço público de grande qualidade, que contribuísse para a remoção do estigma, que pesava sobre este território de génese ilegal e sobre as pessoas que o habitam, e devolvê-lo de forma a constituir um elemento identitário intra-bairro e na relação deste com a cidade.

O **Forum Luís de Camões** constitui uma peça chave neste complexo processo de integração sócio-urbanística de territórios classificados como clandestinos e/ou degradados.

Este equipamento possui uma arquitectura muito moderna que sobressai no verde de um amplo jardim com elementos alegóricos que pretendem registar a memória do grande poeta português Luís Vaz de Camões. O edifício integra as seguintes valências que correspondem aos projectos previstos no programa: sedes de diversas associações culturais e desportivas locais; um Centro de Dia e de Lazer para Idosos com restaurante social, lavandaria, cabeleireiro e barbeiro, salas de convívio, ateliers, gabinete médico

e de enfermagem, serviço social; um jardim-de-infância com ATL; um pólo da Escola Intercultural das Profissões e do Desporto que promove formação profissional e o emprego; o Gabinete Técnico Local da CMA; instalações da Cruz Vermelha Portuguesa; um Pavilhão Multiusos totalmente equipado para iniciativas desportivas, sociais e culturais, feiras, exposições e festivais, com destaque para o da Banda Desenhada; o edifício possui, nos pisos inferiores, um silo com 362 lugares de estacionamento. Na escadaria central podemos ler um verso com grande poder simbólico e que sintetiza as sinergias que prevaleceram na execução deste programa de transformação da Brandoa: *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança. Todo o mundo é composto de mudança tomando sempre novas qualidades*” Luís de Camões.

O Forum Luís de Camões possui uma envolvente verde com dimensão assinalável designada **Jardim Luís de Camões**; este possui um grande parque infantil, elementos de água como um espelho de água e a Ilha dos Amores, estruturas tensadas de sombreamento, com mesas e cadeiras onde se pode repousar, vastas zonas de relva, com elementos arbóreos, rasgadas por avenidas com lápides onde se inscrevem versos dos Lusíadas de Luís de Camões.

O **Centro da Juventude da Amadora** foi criado no local onde existia o chamado “Palácio da Brandoa”, casa agrícola da família que está na origem do núcleo antigo e que constituía um elemento simbólico ligado à origem rural da Brandoa.

Esta peça de arquitectura moderna, construída de raiz, incorporou traços da memória do velho edifício, agora com uma nova funcionalidade, e permitiu requalificar parte de um quarteirão interior da Brandoa.

Outro projecto consistiu na criação de uma **Escola do Ensino Básico do 1º Ciclo, integrada, com creche, jardim-de-infância e ATL**, dois polidesportivos descobertos e um pavilhão gimnodesportivo. Este edifício de excelência, veio dar lugar uma escola pré-fabricada cheia de patologias que, após avaliação das condições de habitabilidade, foi demolida por não apresentar segurança nem o mínimo de conforto.

O **Mercado Local** configura um tipo de equipamento que compatibiliza o tipo de mercado tradicional com uma nova imagem de pequeno centro comercial, o que permite um funcionamento alargado de lojas com diferentes funções e a optimização deste recurso de grande importância para a população local. Está envolvido por uma área verde e largos passeios o que permite a circulação tranquila das pessoas e propicia o encontro e as sociabilidades. No percurso de acesso ao Mercado foi criada uma área para que os vendedores ciganos que já tinham actividade de venda na entrada do velho mercado.

O edifício da Junta de Freguesia foi alargado, criando-se um novo corpo com um **Espaço Polivalente, uma Biblioteca, Espaço Internet**, bem como instalações de logística e de apoio aos respectivos funcionários.

Ainda no que diz respeito à requalificação do espaço público, foi construído o **Parque Urbano da Parreirinha**, com zonas de estadia, parques de merendas e infantil; o polidesportivo local e as ruas da envolvente foram, igualmente, recuperados.

O Pólo Escolar da Brandoa foi alvo de uma operação urbanística que permitiu a criação de lugares de estacionamento e vias pedonais, arborização, criação de amplas rotundas e amplos acessos.

Para além da elaboração do projecto de execução da requalificação das Ruas da Liberdade, Luís Vaz de Camões e do Município, foi desenvolvido um projecto-piloto de reconversão de um quarteirão central altamente desqualificado. No miolo do edificado foram executadas pequenas intervenções que possibilitaram a criação de novos espaços verdes de enquadramento.

Por fim referir que, graças à concretização efectiva dos projectos PROQUAL, dentro do horizonte temporal previsto e com uma execução financeira confortável, cujos compromissos tinham sido assumidos pela Autarquia Local junto da CCDR, foram financiadas três candidaturas à medida de **Apoio ao Desenvolvimento Social**. Estes projectos de natureza imaterial integraram diversas acções de formação dirigidas preferencialmente a jovens sem escolaridade obrigatória e a desempregados de longa duração; estes cursos foram desenvolvidos em parceria com a Escola Intercultural, das Profissões e do Desporto (EIPD) e o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

3. A humanidade das cidades, a cidade sensível e os universos simbólicos e tangíveis

A experiência PROQUAL permitiu uma compreensão reflexiva sobre as dimensões da realidade sócio-espacial que condicionam o viver urbano.

Para esta problematização convocaram-se componentes que articulam uma abordagem sistémica que envolve, o sujeito-cidadão comum, o actor-rede, as instituições locais e supralocais⁵, com o espaço vivido/construído que configura um ecossistema. Talvez

⁵ [Locality Power in Relation to Supralocal Power Institutions], Anthony Leeds (1994)

encontremos neste ensejo aquilo a que James Holston chamou “a mitologia do projecto”. A vinculação entre um projecto urbanístico e um programa de mudança social é traço básico do planeamento em grande escala na arquitectura moderna. Em geral, essa relação faz-se de duas maneiras. Em primeiro lugar, a arquitectura do plano conscientemente corporifica formas desejadas da vida social... Em segundo lugar, a relação entre arquitectura e sociedade é concebida de forma instrumental. Os modernistas propõem que as pessoas que venham a ocupar suas obras sejam forçadas a adoptar as novas formas de associação e os novos hábitos pessoais que a arquitectura está a representar. Desse modo, a arquitectura é considerada como instrumento não apenas para a mudança social, mas também para o advento de um bom governo e de uma ordem racional, assim como para a renovação da vida por intermédio da arte” (1993: 67-68). Esta ideia é corroborada por Michel Freitag para quem “o espaço criado pela arquitectura não é apenas aquele no qual é realizada a unidade dos visares *subjectivos* de utilidade, de solidez e de expressividade estética; esta unidade deve também corresponder *objectivamente* a uma exigência de síntese superior sobre a sociedade e a natureza, de tal maneira que o espaço arquitectado se torne precisamente ele próprio um *mundo* no qual é realizada e se manifesta concreta, simbólica e materialmente, a interpenetração mútua de uma e outra, e no qual a humanização da natureza corresponda, portanto, a uma naturalização ou materialização da sociedade” (2004:16). Por conseguinte, no caso da Brandoa, analisaram-se, igualmente, as formas expressivas que configuram o património imaterial dos actores sociais e que resultam numa gramática de construção de identidades locais intrinsecamente relacionadas com a dimensão simbólica dos lugares.

Como vimos, foram identificadas as prioridades estratégicas de requalificação urbana que promovem a equidade territorial, num tecido urbano pleno de fissuras sócio-urbanísticas e que, simultaneamente, incentivam o desenvolvimento do potencial humano, através da mediação social e cultural.

Estas linhas temáticas de aproximação à realidade local materializaram-se ao longo do processo de implementação do PROQUAL, com particular incidência em três momentos relevantes pela aproximação e envolvimento dos actores locais.

Um dos momentos decorre do processo de realojamento, de um conjunto de organizações locais, associações e IPSS, instaladas em pré-fabricados, no Fórum Luís de Camões / Centro Cívico. Estas estruturas locais de mediação entre o Poder Local / Estado e a sociedade civil, são os motores da participação cívica, da criação de redes de sociabilidade, de amizade e conterraneidade⁶.

⁶ [Cultura e Território: dos conceptos claves para estudiar las organizaciones vecinales] in *La ciudad, escenario de comunicación*, Patrícia Safa

Outro dos momentos, que foi alvo de trabalho etnográfico, consistiu numa situação social carregada de significado e que se traduziu na inauguração do Jardim Luís Vaz de Camões, realizado numa data simbólica, o 25 de Abril de 2006; nesta festa de rua estiveram envolvidas todas as estruturas representativas da localidade e do poder local.

Por fim, um momento particular que resultou da realização da Feira do Movimento Associativo da Brandoa, realizada em 25-27 de Maio de 2007. Esta situação social revelou a face visível das organizações locais, projectos e protagonistas das produções culturais e sociais. No âmbito do PROQUAL foi executado um portfolio do Movimento Associativo da Brandoa. Este trabalho permitiu identificar formas de apropriação do espaço público por parte da população residente e dos visitantes, revela como se posicionam as estruturas locais e supra-locais⁷ face ao surgimento de novos territórios de identidade, os poderes políticos e técnicos no contexto destas operações sócio-urbanísticas.

A criação de uma forte centralidade⁸, a existência de vastas áreas de espaço público com equipamentos associados ao lazer, que combinam diferentes valências para diferentes segmentos da população, permitiu perceber a mudança gradual nos hábitos e estilos de vida da população local. As pessoas concentram-se nestes espaços para conversarem, combinarem as suas deslocações para fora do bairro, deambularem, cavaquearem, jogarem às cartas protegidos pelas estruturas tensadas do jardim, usufruírem do parque infantil onde as crianças se deliciam com as possibilidades de aventura, enfim, um sem número de movimentos e de experiências quotidianas que traduzem o *modus vivendi* da população da Brandoa. Por conseguinte, foi criado um sistema de espaços públicos em que o jardim e a rua têm uma presença dominante que configuram uma espécie de praça; este sistema complementa a presença hegemónica da rua e da esquina no bairro da Brandoa, usadas como metonímia para o sistema de intercâmbio entre pessoas, casas, comércio e tráfego. Estabelece uma conexão entre os espaços públicos e a vida pública existente nas ruas (Holston, 1993:114)⁹. As sociabilidades de esquina reforçam os encontros sociais e contrariam a sensação de isolamento, tão presente noutras realidades urbanas.

Hoje em dia, o Núcleo Urbano da Brandoa apresenta uma imagem urbana e um conjunto de recursos locais que se traduzem numa

(1999:181)

⁷ [Relations via the system of Governance] Diagrama de Peter Ambrose (1994).

⁸ [The Political Symbolisms of Public Space], Setha Low (2000:47)

⁹ [A cidade desfamiliarizada. A morte da Rua], James Holston, (1993:109)

crescente remoção do estigma a que tem estado associado há décadas. Opera-se um processo de revitalização como resultado do efeito multiplicador induzido pelo PROQUAL, que se materializa, sobretudo, na renovação dos serviços, comércio, dos novos edifícios habitacionais, na fruição dos espaços públicos e dos equipamentos locais.

À laia de conclusão

O discurso hegemónico sobre os territórios de génese ilegal está impregnado por uma visão exterior e distorcida, criada em meios académicos e nas instituições supralocais. Contudo, estes contextos configuram lugares de grande humanidade, mecanismo de sobrevivência que desencadeia processos sociais de interacção que apelam à solidariedade, ao sentido de comunidade, ao desenvolvimento de redes de parentesco, vizinhança, amizade. Um olhar de dentro e de baixo (Magnani, 2002) permite vislumbrar estas dimensões do viver urbano que conferem a estes territórios identidades múltiplas nas quais estão presentes consistentes traços de coesão social.

De facto, as fissuras sócio-urbanísticas existem mas são produzidas no seio da sociedade mais abrangente e suas instituições que olham para estes lugares com desconfiança, culpabilizando as populações por recorrerem aos meios que estão ao seu alcance para resolver o que as políticas centrais não acautelaram.

Hoje em dia, são a própria arquitectura e o urbanismo que reforçam esta dualidade, através da concepção de “espaços vetados”¹⁰ cuja finalidade não é senão dividir, segregar e excluir, porque não propiciam o construir de pontes, lugares de encontro que facilitem a comunicação e aproximem os habitantes da cidade (Bauman, 2005: 38).

Talvez seja o momento para se começar a abandonar as perspectivas catastrofistas face a estes contextos e a encetarem estudos de cariz antropológico que nos permitam uma aproximação ao quotidiano e aos estilos de vida de milhares de urbanitas, cujas estratégias adaptativas estão repletas de ensinamentos para quem reflecte e trabalha a dimensão sócio-urbanística. Neste processo, há actores sociais que estabelecem as prioridades estratégicas de requalificação urbana que se joga em dois tabuleiros: um com o

¹⁰ [interdictory spaces] Steven Flusty, «Building Paranóia», em Architecture of Fear.

propósito de promover a equidade territorial num tecido urbano cheio de clivagens e outro que procura incentivar o desenvolvimento do potencial humano, através da mediação social e cultural¹¹. Existem forças expressivas, tecidas ao longo de vidas espacializadas em lugares cujo património imaterial constitui uma resistência face à erosão de valores, crenças, ritos que integram as múltiplas gramáticas das identidades locais (Low, 2005:11). É nesta perspectiva que os processos de comunicação e mediação, ao nível técnico e político, adquirem contornos com algum grau de ambivalência, pois ora contribuem para a conservação e afirmação destas dinâmicas locais, configuradas pelas redes sociais aí tecidas, ora as comprimem, em nome da inovação e da sobremodernidade. Por conseguinte, mais do que a humanização da cidade¹², como se estes territórios precisassem de agentes externos para os tirar do caos, da desumanidade em que mergulharam, é necessário conhecer melhor a humanidade da cidade que também são estes lugares. A humanidade das cidades (Gulick, 1989) passa, pois, por uma compreensão da natureza e da condição humana, mergulhadas em dilemas identitários, pelos sistemas políticos e sociais que configuram o viver em sociedade; por uma abordagem holística (Hannerz, 1980)¹³ do tecido urbano, baseada na complexidade e na diversidade das situações sociais, no respeito pelas ideossincrasias, evitando olhares etnocêntricos¹⁴, armadilha em que caímos, mesmo quando apostamos em pensar e fazer o melhor em matéria de sócio-urbanismo. Hannerz argumenta que, embora as sociedades se estruturam com base em assimetrias, hoje em dia, a dicotomia centro (progresso/ cultura) / periferia (atraso/subcultura) não faz sentido (1989:201). O urbanismo e suburbanismo, baseados em diferentes padrões de comportamento e estilos de vida, reflectem esta visão dicotómica que tem implicações na concepção de cidade e de vida urbana e pode condicionar a qualidade da intervenção sócio-urbanística e dos programas a esta associados. Com efeito, os programas de intervenção sócio-urbanística, implementados em territórios sensíveis da Amadora, podem constituir instrumentos para uma análise compreensiva da complexa realidade urbana, numa perspectiva do cidadão comum e dos interventores sociais, com responsabilidades técnicas e políticas, que medeiam estas operações.

¹¹ O *Planning for Real* pode ser uma metodologia interessante porque permite o envolvimento das pessoas e suas organizações no planeamento e na resolução dos problemas que as afectam; é uma estratégia de intervenção para o planeamento e regeneração urbana de bairros deste tipo.

¹² [Humanizing the City? Social Contexts of Urban Life at the Turn of the Millennium] Anthony Cohen e Katsuyoshi Fukui (1993:126-146).

¹³ [Cities as Wholes] Ulf Hannerz, (1980: 296).

¹⁴ [Ethnocentrism, Cultural Traditions and the Unity of Urbanism] Ulf Hannerz (1980:72).

Bibliografia

- Ambrose, Peter, 1994, "Human Nature and the Urban Environment" in *Urban Process and Power*, pp. 3-15, London: Routledge
- Bauman, Zigmunt, 2005, *Confiança e Medo na Cidade*, Lisboa: Relógio d'Água.
- Busquet I Grau, Joan, 1999, *La urbanización marginal*, Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, SL.
- Carrión, Fernando y Wollrad, Dörte (Comp.), 1999, *La ciudad, escenario de comunicación*, Ecuador: Fundación Friedrich Ebert Stiftung.
- Castells, Manuel, 2006 (1972), *A questão Urbana*, São Paulo: Paz e Terra.
- Cohen, Anthony e Fukui Katsuyoshi, 1993, *Humanising The City? Social Contexts of Urban Life at the Turn of the Millennium*, Edinburgh University Press.
- Freitag, Michel, 2004 (1992), *Arquitectura e Sociedade*, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Gans, Herbert J., "Urbanism and Suburbanism as Ways of Life: a Re-evaluation of Definitions" in A.M. Rose, (Ed.), 1962, *Human Behavior and Social Process*, London: Routledge and Kegan Paul, pp. 625-648.
- Gulick, John, 1989, *The Humanity of Cities, An Introduction to Urban Societies*, Massachusetts: Bergin & Publishers, Inc .
- Hannerz, Ulf, 1980, *Exploring the City. Inquiries Toward an Urban Anthropology*, New York: Columbia University Press.
- Holston, James, 1993 (1989), *Uma Crítica da Brasília e sua Utopia*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Leeds, Anthony, 1973, *Locality Power in Relation to Supralocal Power Institutions*.
- Low, Setha Low, Lawrence-Zúñiga, Denise, 2003, *The Anthropology of space and place* Oxford: Blackwell Publishing, Ltd.
- Low, Setha, 2000, *On the Plaza. The politics of Public Space and Culture*, Austin: University of Texas Press.
- Low, Setha, 2005, *Theorizing the City*, London: Rutgers University Press.
- Magnani, José Guilherme Cantor, 2002, "De perto e de dentro; notas para uma etnografia urbana", in Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.17, nº 49, pp.11-29.
- Rodman, Margaret, 1993, "Beyond built form and culture in the anthropological study of residencial community spaces" in Robert Rotenberg & Gary McDonogh (Ed.) *The Cultural Meaning of Urban Space*, Connecticut: Bergin & Garvey.
- David Harvey, "Cities or urbanization? In Peter Hall et alli, *City*, London: Bob Catterall.